

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XV, nº 116, janeiro/fevereiro - 2023

60
Anos

AS AMIGAS

Antonio Carlos Secchin

Primero matei Matilde, a ciumenta. Agora, sei que não resisto. Três horas da manhã. Ainda é cedo para morrer. Por que fizeram isso comigo? Fechava minuciosamente os vidros. Mesmo o vento respira mal nessas portas, que nelas eu ponho as travas, as trancas, os pregos. Sozinho no quarto eu me amava, e era bastante. Num dia de sol e chuva, esqueci os trincos da janela. A primeira entrou, seguida de muitas, de todas. Deixei que viessem.

Pouco fiz. Com um pedaço de carvão, pintei as fronteiras de nosso espaço; a elas ofertei o leste de meu leito. Que não ousassem transpor esse limite. Depois, lhes dei todo o terreno. Apaixonei-me por suas formas, logo nos tornamos amigos de verdade. Inventei os sete nomes: Bonita, Isaura, Matilde, Flor do Canto, Mimosa, Maurício e Princesa. Com paciência e amor, convoquei uma a uma, amarrei-lhes uma ficha de identidade. Pouco a pouco descobri as diferenças. Flor do Canto só queria os sapatos. Mau-

rício e Mimosa, à hora do lanche, sempre arrumavam jeito de brigar. Isaura era o nome da modéstia. Matilde se fazia de cega. Princesa, no escuro, pedia carinhos especiais. E havia Bonita, a predileta. Deixei de presente a cabeceira da cama, dediquei-lhe duas noites de exclusivo suor. Na terceira, deixei que todas subissem, e tudo virou riso e galhofa. Ai, que elas eram engraçadas. Eu me deitava. Devagarinho, escalavam meu corpo, brincavam de me esconder debaixo delas. Faziam-me carícias no vão dos dedos. Maurício preferia os meus ouvidos, e em seu jeito eu percebia algo além da simples amizade.

Aos domingos, eu montava o teatrinho. Usava flocos de sabão para fingir de neve. A caixa de música era grande orquestra. Preparava muitas puerias, engolia fósforos acesos, andava de capote e guarda-chuva no arame improvisado. À noite fazia a chamada e cantava as cantigas do sonho bom.

Gostava de todas. Por que fizeram isso comigo? Queriam que eu fosse, igual, de cada uma. Achavam

mais macios os meus dedos em Bonita. Por isso se vingaram. Ontem, quando acordei, contei até oito. A bela estava inerte, partida em metades. Mataram-na com um fio de carretel. E recuavam, doidas, com todas as pernas do medo. Peguei o corpo de Bonita, rejuntei-o com esparadrapo, fechei-o numa caixa de fósforos.

Primeiro foi Matilde, mas doeu pouco. Ordenei-as em fila, para a morte horrenda. Flor do Canto avançou, voluntária. Afoguei-a no álcool. Isaura e Princesa foram decapitadas. Um cigarro, e não havia mais Maurício. Mimosa eu matei de frio.

Agora, sei que vou morrer. A janela bastante fechada, o gás discretamente aberto, eu espero. Penso em Bonita, com sua etiqueta decotada. Nas mãos, aperto a tabuleta que anuncia Os Prazeres do Amor. Espetáculo que, no domingo que vem, eu encenaria escondido para aqueles olhinhos mais lindos.

O LIVRO DE OLAVO BILAC QUE RETORNA AO LEITOR

Francelina Drummond

Cento e vinte e oito anos depois da primeira e única edição completa, retorna ao leitor o belíssimo livro de Olavo Bilac (1856-1918), intitulado *Crônicas e Novelas* e publicado pela Editora Liberdade, de Ouro Preto.

Essa obra em prosa foi escrita quando da passagem de Bilac por Ouro Preto em 1893 e publicada em 1894.

Em 1893, fugindo da perseguição do presidente Floriano Peixoto, juntamente com outros intelectuais cariocas também vítimas do Marechal de Ferro, Olavo Bilac buscou refúgio nas montanhas de Minas e viveu alguns meses em Ouro Preto e, depois, em Juiz de Fora.

A amizade com o escritor e jurista Afonso Arinos de Melo Franco, que atuava como advogado e professor do Liceu Mineiro na antiga capital de Minas, deu a Bilac o passaporte para conhecer a cidade de Ouro Preto, sua história, os arquivos e monumentos, igrejas e natureza. Bilac ficou encantado e, aos poucos, convencido de que as raízes do Brasil estavam em Minas – mais especificamen-

te, na Vila Rica do passado que se fundia, a seus olhos, na Ouro Preto quase à época da mudança da capital. Conversou muito, teve estreito contato com o historiador Diogo de Vasconcelos em cuja casa se hospedou antes de se transferir para o Hotel Martinelli, na Rua do Paraná, com o outro historiador e jornalista José Pedro Xavier da Veiga, que então elaborava a proposta de fundação do Arquivo Público Mineiro e da respectiva Revista, com artistas e jornalistas da cidade, além de intelectuais cariocas que estavam refugiados em Ouro Preto.

Afonso Arinos os recebia em sua residência, na Rua do Paraná, em encontros que certamente contribuíram para a imersão de Bilac na história das Minas. Discutia-se a mudança da capital; Bilac foi conhecer o Curral del Rei que sediaría o novo projeto, símbolo moderno de cidade traçada, em contraste com Vila Rica/Ouro Preto. Planejava-se a instalação do monumento a Tiradentes; criara-se em 1892 a Escola Livre de Direito de Ouro Preto.

Continuação na pág. 4

MULLER, O LIVRO

Pedro Rogério Moreira

Você já leu um livro em que fica pê da vida com o que está lendo com prazer? Pois é o caso da excelente biografia cuidadosamente bem elaborada e muito bem escrita por Anderson Olivieri sobre o craque Muller. Olha, dá muita raiva ao leitor – e ele não precisa gostar de futebol – reviver na intimidade da leitura as besteiras do grande atacante brasileiro dos anos 1980-90. O que se há de fazer com quem tem apenas vinte anos de idade num mundo em que os valores tradicionais podem ser substituídos por dinheiro, sexo, joias, prazer? – algum leitor benevolente poderá indagar. Outros leitores dirão: quanta generosidade, quanto perdão, quanto passar de mão na cabeça recebeu Muller na equipe do Torino! Era a época de ouro da equipe e em geral do futebol italiano. E quanta besteira, quanto equívoco em sua conduta de vida - vida pessoal e vida profissional - praticou o rapaz de boa formação humanista. Um rapaz sem vícios, respeitador de valores como a família, “atleta de Cristo” (existiu a confraria, integrada por jogadores evangélicos) e de tantas outras marcas em seu caráter de menino que nasceu pobre no Mato Grosso do Sul e gozou a boa vida da riqueza antes de completar trinta anos.

Pergunto: a leitura de muitos romances extraordinários sobre pessoas e acontecimentos não nos deixa às vezes com um sentimento de revolta? Ora, a revolta, no leitor de Predestinado - A vida do craque Muller (Vitália Editora, 2022) mostra quão boa frui a leitura da biografia do jogador. O brasileiro Anderson Olivieri atingiu a meta de todo escritor: despertar logo no início

sentimentos diante de sua obra, sacudir o leitor. Ele conseguiu esse objetivo ao tecer a trama literária. Escreveu como se fosse não uma biografia apenas, mas um romance. Um romance de suspense. Lê-se Muller como se lê uma história de ficção dramática ou uma novela policial. A leitura amarra o leitor ao livro. A ansiedade leva-o a querer saber logo o final do capítulo. E assim vai num crescendo. Até ao the end reservado ao notável craque pela magia do futebol e sobretudo pela alta qualidade da escrita.

Não percam esse jogo do escritor Anderson Oliveiri e do atacante que tantas glórias deu ao São Paulo e que na Itália chegou a ser comparado a Pelé. O mais importante, porém, é ler a biografia de um ser humano igualzinho a todos nós: de barro. De ouro, Muller também foi vestido e aplaudido, muitas vezes, nos estádios.

Um grande homem, o Muller. E um grande escritor, Anderson Olivieri.

BANDEIRA

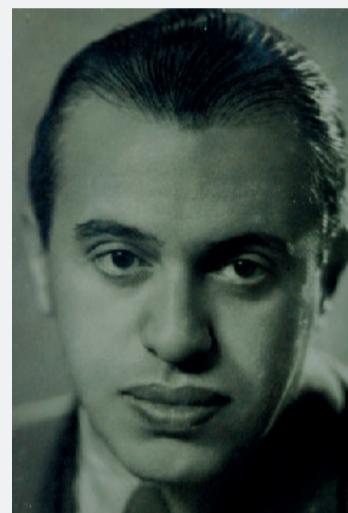
Ronaldo Costa Fernandes

Minha bandeira é não dar bandeira.
Minha bandeira é o toque de silêncio,
a morte do soldado desconhecido que sou.
Quem depositará flores
neste monumento à minha batalha?
Minha ordem não tem progresso.

Soneto do Mês

DESEJO

Cassiano Ricardo



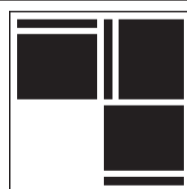
As coisas que não conseguem morrer só por isso são chamadas eternas. As estrelas, dolorosas lanternas que não sabem o que é deixar de ser.

Ó força incognoscível que governas o meu querer, como o meu não-querer. Quisera estar entre as simples luzernas que morrem no primeiro entardecer.

Ser deus – e não as coisas mais ditosas quanto mais breves, como são as rosas – é não sonhar, é nada mais obter.

Ó alegria dourada de o não ser entre as coisas que são, e as nebulosas, que não conseguem dormir nem morrer.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

30ª DIRETORIA
2021-2023

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
2º Vice-Presidente: Sônia Helena
Secretária-Geral: Kátia Luzia Lima Ferreira
1ª Secretária: Vera Lúcia de Oliveira
2º Secretário: Noélia Ribeiro
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Salomão Sousa
Diretor de Cursos: Roberto Minadeo
Diretora de Divulgação: Sandra Maria
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronimo Rivera, Napoleão Valadares e Ronaldo Costa Fernandes

JORNAL da ANE nº 116 – janeiro/fevereiro 2023

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes e Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO A SÔNIA HELENA (IHG-DF, 1º.12.2022)

Fabio de Sousa Coutinho

O ingresso de novos sócios acadêmicos é, tradicional e pontualmente, um dos momentos mais nobres na consolidação de objetivos estatutários e programáticos de médio e longo prazos. Ao admitir em seus quadros uma mulher brasileira da estatura mental de Sônia Helena Taveira de Camargo Cordeiro, o Instituto Histórico e Geográfico pratica o gesto certo, no tempo adequado e no rumo necessário. Companheiro de Sônia Helena na diretoria da Associação Nacional de Escritores, a gloriosa ANE, nos últimos 6 anos, pude testemunhar, com prazer, alegria e muita sorte, a capacidade de trabalho, a competência e o brilho da nova acadêmica do IHGDF. Tais virtudes excepcionais são encimadas por outras, que lhe são igualmente notórias, como a lealdade, o discernimento, a cumplicidade solidária e a lucidez do opinamento em face da adversidade eventual, todas elas visando a fortalecer a imanência e pavimentar a permanência institucional.

No plano estritamente literário e publicístico, merece destaque sua obra de poeta, cronista e ensaísta de pena leve, sutil, bem humorada e convincente, manifestada em livros da qualidade ética e estética de, entre outros, *Fragments de mim*, *Andanças no tempo*, *Sem precisão nenhuma*, *Interlúdio*, *A doceira da Casa da Ponte*, *Estórias que meu neto pediu e estórias que ouvi dos meus netos*, *Busque as setas e vieiras – de Porto a Santiago de Compostela – impressões de caminhante*, e *Ponto de foco de uma lente desfocada*.

Em parceria com seu colega de profissão e agora confrade neste Instituto, Jorge Guilherme de Magalhães Francisconi, Sônia Helena é autora de *Além de Rio e Sampa – Corumbá, Irecê*

e *Parintins*, livro de planejamento urbano que nasceu com a vocação dos imprescindíveis no segmento científico em que se posicionou, editorialmente.

Diplomada em Letras Modernas pela Universidade Federal de Goiás e em Arquitetura, pela Universidade Católica de Goiás, com Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília, a nova ocupante da Cadeira nº 3 do IHGDF ingressa neste seletivo convívio acadêmico com méritos de sobejo, porém nada que a faça distanciar-se da humildade, da simplicidade e da serenidade que são próprias das pessoas autenticamente sábias e dotadas de impermeável honestidade intelectual.

Ao lado de seu marido e antigo mentor, o engenheiro civil e professor Luiz Alberto Cordeiro, Sônia Helena chefia um querido grupo familiar composto de um filho, Ricardo, duas filhas, Yara e Denise, e um casal de netos, Cauê e Cleo, todos beneficiários, como de resto o são os amigos que têm o privilégio de conviver com a família Cordeiro, da saborosa prática de arte culinária de origem tão orgulhosamente goiana.

É para essa notável arquiteta e escritora que nesta hora o Instituto se volta, como uma das figuras realmente representativas do que queremos ser como intelectuais, que admira a inteligência e a cultura, mas que coloca acima delas o caráter e o coração.

Em apertada síntese, Sr. Presidente, busquei traçar, em noite tão justa e jubilosamente festiva, o perfil de uma nova confreira, cidadã de trajetória pessoal e profissional exemplar, que passará a honrar e dignificar os quadros do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Nos últimos anos de sua vida, Samuel Taylor Coleridge, personificação verdadeira do sábio, grande intelectual de língua inglesa, residia num subúrbio londrino ao norte da cidade, Highgate. Certa tarde, andava então pelos 47 anos, passeava ele em companhia de um amigo, esmiçalhando o ser em palavras como era próprio do espírito da conversa que nele habitava, quando se aproxima, para um encontro de alguns instantes, e que seria memorável na história das letras, estotra figura mágica de artista, John Keats, então com 24 anos, dois antes de morrer. Foi a única vez que se encontraram, encontro fugaz de Ariel com a sabedoria, e passaram um pelo outro como dois navios iluminados varando o negror da noite. Naqueles minutos, Coleridge falou de tudo, lembraria Keats mais tarde: rouxinóis, poesia, metafísica, sonhos, pesadelos, monstros, fantasmas, diferença entre a volição e a vontade, mil e um assuntos e episódios, que o poeta escutou meio embevecido, meio assustado, meio estonteado, dir-se-ia com mais justeza, a ponto de afastar-se dele para, mais adiante um pouco, voltar e apertar-lhe a mão, dizendo: “Let me carry away the memory, Coleridge, of having pressed your hand!” “Quero guardar para sempre, Coleridge, a lembrança de ter-lhe apertado a mão!”

Caríssima Sônia Helena, permanecerei atento à importância de sua posse nesta casa e à força de sua amizade, guardando para sempre a memória de haver-lhe apertado a mão neste primeiro dia do mês de dezembro do histórico ano de 2022.

Obrigado.

Quase Hai kais *sôniahelena*

Leve folha solta,
cria bailados no ar.
Tempo de saudade.

Cinza tarde fria,
vida mais que vazia.
Tarde cinza e fria.

Velha casa minha,
estórias de outro tempo.
Sonho de verão.

Florada na serra,
Passaredo, revoada.
Simples renovar.

DESTINO

Elizabeth Caldeira Brito

O céu pode esperar,
adiando a chegada.
Driblei o destino,
não cruzei a estrada.
Fiquei só no meu canto,
esperando-o passar.
Não perdi o encanto!
Esperei sempre atento...
Perdi a liberdade
ou perdi o meu tempo?

Continuação da pág. 1

O LIVRO DE OLAVO BILAC QUE RETORNA AO LEITOR

Francelina Drummond

De maneira geral, as opiniões se acentuavam entre mudancistas e antimudancistas, e esse debate estava instalado na imprensa ouro-pretana. Em meio às discussões sobre mecanismos de modernização da cidade, tentativa extrema de manter a capital em Ouro Preto cheia de largas avenidas, boulevards e passeios públicos da moda, Bilac se divide: ama Vila Rica/Ouro Preto e parece, por isso, tender a que a capital se mudasse mesmo. Estava, pois, dividido entre um locus que pedia proteção, preservação e cuidado, e uma ideia urbana nova, palpitante, grandiosa e moderna.

Olavo Bilac percorreu Ouro Preto, conduzido por Afonso Arinos, que prezava as tradições mineiras, numa linha que o afiliava ao poeta e romancista ouro-pretano Bernardo Guimarães (1829-1884). Visitou as capelas primitivas, as mais antigas, São João, Santana, Padre Faria, caminhou pelo Morro da Queima-

da, pelas Lajes. Falou de Marília, de Dirceu, de Aleijadinho, dos Inconfidentes, dos pobres que trabalharam nas minas, dos morféticos, da contradição entre riqueza extrema e extrema miséria. Exaltou as belezas, reparou minúcias, criticou poderosos soberbos, festas de triunfo da riqueza e da opressão.

Esses temas são tratados em *Crônicas e Novelas*. É bom ler, reler e de novo voltar a eles, na prosa muito fina, bem urdida, rica e poderosa de Olavo Bilac. Uma bela planta da cidade de Ouro Preto, de 1881, vem encartada ao livro, em cor original e traços muito firmes, como uma sinalização dos lugares que, em 1893, ele percorreu e admirou. A edição é enriquecida pelo posfácio do pesquisador e professor Antônio Dimas (USP), profundo conhecedor da obra de Bilac.

Crônicas e Novelas é uma das publicações com que a Editora Liberdade comemora o Bicentenário da Imprensa Mineira/Ouro-Pretana (1823- 2023).

O MILAGRE DA MOSCA

Flávio R. Kothe

Sou apenas uma mosca. Não uma moça! Mosca! Mosca perene, vou durar séculos ainda. Há uns dois mil anos, estava eu na Palestina, no alto do Calvário, vendo três condenados agonizando na cruz. A desgraça deles era comida nossa. Pregados, não podiam bater em nós. Estavam no prego. Literalmente. Como aí era um local habitual de execuções e eu havia nascido perto, logo tinha aprendido onde ficava nosso bom restaurante.

Eu não gostava das lágrimas que os punidos deixavam escorrer pelos olhos: eram salgadas demais. Mas gostava da baba que escorria de suas bocas. Era comida e bebida nossa. Saudável. Para nós, não para eles. Podíamos comer e beber descansadas. Em memória dos que iam morrendo. Alguma coisa essencial deles sobreviveria em nós. Coisa mesmo, não espírito.

Nós, moscas, não nos preocupávamos com os motivos dos condenados, os argumentos dos juízes, os pesares dos familiares. Éramos pragmáticas. O que nos importava era que os condenados aparecessem, para termos comida farta.

Eu não costumava entrar pelas narinas dos crucifixados. Se a comida estava fresca, eles estavam vivos e podiam de repente nos sugar até ficarmos entaladas. Se estavam mortos, não eram mais tão apetitosos. Logo vinham as aves, arrancavam seus olhos, bicavam suas carnes.

Os egípcios acreditavam que o espírito passa pelas narinas. Quando se dizia de alguém que “deu o último suspiro”, sabia-se que tinha morrido. O espírito havia saído pelo nariz, se evadido do corpo. Por isso, para matar os deuses, os conquistadores, quebravam-se os narizes das estátuas que os representavam. Não podendo respirar, morriam. Nisso todos acreditavam.

Não sei se era quinta ou sexta-feira, não cuido muito dos dias da semana. Eu tinha passado dois dias apenas lambendo restos de condenados anteriores no poste em que haviam estado. Os condenados não carregavam a cruz pela cidade. Era pesada demais. Já estavam tão estropiados com as surras e a fome que não iam conseguir. Os postes permaneciam fincados no topo do morro. Tinham uma concavidade em cima, onde o travessão era encaixado.

Os condenados só carregavam a trave que era encaixada no alto do poste. O romano sabia anatomia para não pregar os condenados pela palma da mão. Eles iam se sacudir de dor, arrancar a mão, ou então o peso do corpo ia fazer o prego rasgar a mão e o condenado acabaria despencando. O carrasco sabia que o prego tinha de ser posto entre os dois ossos perto do pulso. Romanos tinham prática em crucificações. Escravos rebeldes, líderes de povos invadidos, todos eram crucificados. Todos pelados, bem pelados, para degradar. Eu conto o que vi, não o que depois andaram inventando.

Naquela sexta, alçaram nos postes três condenados. O do meio tinha uma coroa de espinhos na cabeça, como se fosse alguém que quisesse ser rei, salvar o mundo, sem conseguir sequer salvar a si mesmo. Quando pediu água, água de beber, deram-lhe fel numa esponja.

Fiquei olhando a agonia, ouvi o soldado romano gozar do coroado dizendo algo como “se és um deus, apeia dessa cruz”. É claro que ele não apeou. Ele tinha carregado a cruz, não caía com os pregos furando a palma das mãos porque era um deus, queria cumprir o castigo que lhe impunham. Podia derrubar os torturadores, como havia feito Dionísio antes, mas não fez.

Diziam que o pai dele era todo-poderoso, um sumo-sacerdote judeu que tinha sido assassi-

nado por sacerdotes rebelados contra ele. O grupo que havia apoiado Zacarias queria fazer do filho o líder de uma rebelião judaica contra os romanos. Havia judeus que queriam se livrar dos romanos. Apenas relato conversas dos soldados entre si.

Pousei na coroa do condenado. Cada espinho era um galho de pouso e repouso para mim. Entrei numa narina, achando que estava morto, mas o homem estava vivo ainda. Devo ter feito cócegas, ele me espirrou. Com as asas molhadas, ficou difícil voar.

Antes que eu caísse, pousei na boca aberta. Eu estava com sede. Do lábio inferior comecei a sugar da baba que flutuava à minha frente. Curiosa demais, fiz a bobagem de entrar na boca, caminhando sobre um tapete vermelho e fofo que estava estendido à minha frente.

O desgraçado fechou a boca. Quem se desgraçou fui eu. Fiquei na escuridão. Estava úmido ao meu redor. Eu me remexi, não adiantou. Eu não tenho ferrão, só uma pequena tromba, pareço um mini-elefante que voa.

Eu me acomodei na língua como se fosse um colchão. De repente os lábios se abriram e a língua começou a remexer. Fui sacudido pelas palavras: “A ti, Pai, entrego o meu espírito.” O espírito era eu. Fui ejetada. Aproveitei o embalo para sair voando boca a fora.

Depois de algumas semanas, quando eu já devia ter morrido, mas não consegui, percebi que corria o sério risco de me tornar eterna. Estou viva até hoje. Sou o espírito que anda na floresta sem deixar pegadas no chão.

Sou quase invisível. Somente homens de pouca fé podem às vezes sonhar que me viram. Mas não me viram, apenas sonharam comigo.

CASOS DA FAZENDA DO RETIRO

Danilo Gomes

(Ao amigo Napoleão Valadares,
escritor e fazendeiro)

Jornalista e escritor, Villas-Boas Corrêa nasceu no Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, em 2 de dezembro de 1923. Na pia batismal, Luiz Antônio Villas-Boas Corrêa. Faleceu na cidade natal em 15 de dezembro de 2016, aos 93 anos de idade. Formou-se em Direito pela UFRJ, em 1947. Foi jornalista político por toda a vida, desde 1948. Trabalhou em vários jornais, como *A Notícia*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *O Dia*, *O Estado de S. Paulo* (foi diretor da sucursal no Rio de Janeiro). Integrou também os quadros da Rádio Nacional. No *Jornal do Brasil* foi editor de política. Tornou-se figura de relevo na TV Manchete. Casado com Regina Maria de Sá Corrêa e pai do jornalista Marcos Sá Corrêa e do professor Marcelo Sá Corrêa.

Publicou dois livros: *Conversa com a memória – A história de meio século de jornalismo político* (Editora Objetiva) e *Casos da Fazenda do Retiro* (Editora Objetiva), um livro de reminiscências da infância e mocidade, com “orelhas” escritas por seu pai, o jurista Merolino Corrêa.

Casos da Fazenda do Retiro foi editado pela Objetiva, do Rio de Janeiro, em 2001. À guisa de prefácio, encontramos uma breve carta de Otto Lara Resende para o autor, enviada em 4-1-1984. Eis um trecho: “Foi um belo presente de Natal, que me deu inesquecíveis momentos de prazer, de verdadeira delícia. Pois o seu livro é delicioso. Os casos são todos excelentes. Li e reli. E voltarei a ler. E já contei alguns, quase com o mesmo sucesso que você tão justamente alcançou com os seus netos. Tudo é de primeira qualidade. Quanta gente boa! Que maravilhosa infância, que saudosa fazenda! Curti até a fotografia, que longamente namorei. *Casos da Fazenda do Retiro* vai ficar entre os clássicos do memorialismo infantil, a partir de *Minha vida de menina*, da Helena Morley. Você não tem nada que ficar desconfiado. Tem é de ficar orgulhoso e feliz. Pois você deu uma alegria para sempre a muita gente. Entre os seus leitores fiéis e admiradores inabaláveis, conte este seu velho companheiro. Você guardou um tesouro no coração e dele nos faz sócios permanentes. Obrigado.”

Tinha razão o mestre Otto. As crônicas memorialísticas, em forma de casos, revestem-se da melhor qualidade literária. São narrativas em linguagem coloquial e caseira, cheias de humor e de saudade de um tempo pretérito e abolido, o tempo da infância e primeira mocidade de Luiz Antônio Villas-Boas Corrêa de férias na fazenda do avô materno, Coronel Arthur Cruz, no município mineiro de Cataguases, terra dos poetas modernistas chamados Ases de Cataguases e do poeta e ficcionista Ronaldo Cagiano. A fazenda e suas gulosei-

mas salgadas e doces, pastos, matas, aguadas, rios, cachoeiras, currais, cavalos, bois, novilhas, alguns animais xucros e bravos, domados por grandes e valentes empregados, como Antônio Martins. As caçadas de pacas, com cães paqueiros de grande valentia ajudando os caçadores. Aventuras nos cafundós da Serra da Onça. Alcides comendo carne de jararaca, até passar mal e quase morrer (“o corpo *empolado* em calombos, vômitos, intestinos em guerra”). Era no tempo da “luz frouxa de lamparinas de querosene”, tempo dos namoricos, das viagens de trem de ferro da Leopoldina, do Rio a Cataguases. Era no tempo das cantigas roceiras, no tempo dos eixos chiantes das grandes rodas dos ronceiros carros de boi...

Como está na contracapa do livro: “São 21 relatos curiosos, divertidos, autênticos e emocionantes sobre a época áurea da fazenda do Retiro.”

As dobras do volume, suas “orelhas”, foram escritas pelo pai do autor, o conhecido jurista Desembargador Merolino Corrêa, genro do Cel. Arthur Cruz. Escreve o Dr. Merolino: “Meu filho, o jornalista político Villas-Boas Corrêa, nome assaz conhecido na imprensa brasileira, quer associar-me (aliás, já o fez, pois fui envolvido no contexto de suas singelas recordações), como testemunha dos fatos e peripécias de sua infância, parcialmente vividas, em períodos de férias, na fazenda do Retiro, que se constituía de muitos alqueires e ficava situada nos altos paradisíacos da Serra da Onça, no município de Cataguases, Zona da Mata.”

Mais adiante, o Dr. Merolino Corrêa acrescenta:

“Em *Alma do tempo*, Afonso Arinos deixou claro que escrever livro não é ato de vaidade. É obrigação de solidariedade. Villas-Boas Corrêa vaidoso não é. Se não há engano, escrevendo o modesto livro sobre o Retiro, retratou-se fielmente como sentimental, para quem a saudade é a me-

mória do coração. Bastará ler o que ele, estreado na literatura, expôs: a pureza do seu próprio sentir, do seu amor à simplicidade e à família Costa Cruz, onde seu pai, viúvo, encontrou a dedicada companheira de sua velhice, Carlota.”

Na porteira de entrada de seu saboroso livro, Villas-Boas Corrêa escreve:

“Meus netos Joana e Rafael, pela altura dos cinco anos, começaram a exigir do avô, nas noites frias de Nova Friburgo ou nos calorões do Rio, histórias para chamar o sono. Tentei as alternativas da leitura de livros e apelei para a invenção de enredos. Mas as histórias lidas não tinham vida e às inventadas faltava o molho da verdade. Até que descobri que lá no fundo da memória, em prateleiras cobertas pela poeira do esquecimento, jaziam em desuso muitos casos do Retiro. Desencavei os meus fantasmas de infância e da juventude, ressuscitei meus mitos, boli nas minhas saudades. Pelo jeito, deu certo. Pois a Joana e o Rafael já não me pedem mais que simplesmente conte histórias de fechar pálpebras. Mas reclamam com exata precisão:

– Vô, conta um caso do Retiro.”

E vovô contava, recordando o passado feliz.

Muito tempo depois dessa contação de casos para seus netos, Villas-Boas Corrêa continua encantando seus ouvintes/leitores. Nesse livro primoroso – que merece reedição neste ano do centenário de nascimento do autor –, cada caso é melhor que o outro. É uma pena quando chegamos ao fim dessas deliciosas narrações, na página 155. Como Otto, agradecemos ao autor pelo tesouro que nos legou. Villas-Boas Corrêa hoje habita os campos elísios de Deus, muito além da paradisíaca Serra da Onça e da onírica Fazenda do Retiro...

A PEDRA

Noélia Ribeiro

Na sala, nuvens gaguejam claridade
perante pálpebras engessadas.
Saudades calcificadas germinam nos órgãos vitais
e não provocam mais do que o poema de Ana C.
The rolling stones are not under my thumb.
Solenemente, levanto a planigrafia contra a luz.
Dias e dias pouco azuis,
junto à marmota de Bill Murray,
a soletrar a palavra spleen.

Será que Sísifo tinha pedra no rim?

O DILEMA DAS REDES E A REVOLUÇÃO DOS DEMENTES

Max Telesca

*“Ser ou não ser, eis a questão: será mais nobre
Em nosso espírito sofrer pedras e setas
Com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja,
Ou insurgir-nos contra um mar de provocações
E em luta pôr-lhes fim? Morrer... dormir: não mais”.*

(William Shakespeare in Hamlet)

O *Dilema das Redes* foi o título traduzido para o Brasil do documentário *The Social Dilemma*, do diretor norte-americano Jeff Orlowski, cuja exibição, a partir de setembro de 2020, no auge da pandemia, trouxe para o grande público considerações e revelações sobre a manipulação altamente invasiva das redes sociais sobre a mente do ser humano atual.

O filme não somente demonstra de forma didática o processo de implantação no cérebro de uma dinâmica a trabalhar com as áreas afeitas aos vícios, como também ensaia uma teoria bastante crível sobre a influência das redes sociais, notadamente através de seu funcionamento por meio de inteligência artificial algorítmica, na radicalização de posições políticas, algo chamado de polarização, conferindo uma nova, e, para muitos, errônea acepção para este conceito.

Segundo o raciocínio, as preferências dos usuários verificadas por meio dos cliques e a consequente derrama de conteúdos similares às buscas na nossa timeline, formam uma bolha, uma realidade na qual apenas opiniões e temas do nosso estrito interesse aparecem. Na verdade, isso não é uma teoria, é um fato facilmente verificável. O ensaio teórico se encontra naquilo que pretende ser uma consequência do fato: o reforço autocentrado, circular, das convicções políticas na pessoa e nos grupos formados a partir desta lógica de conteúdos, cuja dinâmica é de retroalimentação por meio de informações e, especialmente, material de desinformação, fake news a formar uma realidade paralela à verdade científica e aos dados concretamente existentes, características do fenômeno da pós-verdade.

Desde tempos imemoriais os iguais se congregam, como os romanos já sabiam; é uma regra da natureza humana, assim como a mentira na política sempre foi utilizada como instrumento de manipulação. Mentiras, portanto, e criação de grupos com o mesmo interesse por meio de suas afinidades, de igual modo, não são temas novos, assim como não é uma novidade o filme que serve de título para este artigo, nem a epígrafe, muito menos ainda.

Algo atual, contudo, é a dinâmica, a velocidade e, especialmente sob o ponto de vista substantivo, a interação concluída entre o emissor e o receptor da mentira, ambos, em larga medida, sabedores do conteúdo falso da “informação”, mas, em nome da opinião e da vontade de atingir a prevalência de seu discurso, no mais das vezes de ódio, articulam a invenção como se fosse uma verdade posta em autoengano permanente, criando um ambiente de crença coletiva, algo que chamei no meu último romance de *Revolução dos Dementes*.

Para o momento, uma outra novidade é o dilema vivido por aqueles que não se encontram na bolha da *Revolução dos Dementes*, e, por tal razão, compreendem como risíveis, mas ao mesmo tempo

perigosas, as alucinadas e criminosas manifestações bolsonaristas de ter ocorrido fraude nas eleições e clamor por um golpe de Estado. O dilema acontece quando, no ambiente digital das redes sociais, especialmente em grupos de mensagens e postagens no Instagram e Facebook, entendemos não ser o melhor movimento a alimentação do grupo da bolha, pois são, justamente, o tumulto, a criação de confusão e o esgarçamento sem limites da discussão, os objetivos táticos dos golpistas para chegarem à sua meta estratégica final de interdição do debate racional.

Ao mesmo tempo, sabemos o quão deletério é assistir ao festival insano de atos antidemocráticos baseado em falsas informações a se propagar indefinidamente. Rebater ou ignorar, eis a questão: deitar argumentos sadios sobre quem não tem intenção de debater, mas de arruinar a reputação do interlocutor por meio de alegações enganosas, não seria uma grande perda de tempo e energia? Mas a mentira repetida à profusão, não corre risco de se tornar uma verdade, a teor do ministro da propaganda nazista, Goebbels?

No início da redação deste artigo, confesso, eu ainda não havia chegado a uma conclusão sobre qual o melhor comportamento, seja sob o ponto de vista pessoal, seja como compreender a melhor forma de o debate público se dar, e mesmo como as instituições devem responder aos tumultos da *Revolução dos Dementes*. Com a observação dos últimos dias, no entanto, firmei convicção a respeito do tema, o que me animou a terminar este texto.

Como dito, o dilema se resume em jogar - ou não - mais combustível na fogueira golpista de lenhas falsas, e debater algo não mais debatível: a vitória do presidente Lula. Com a criação desta polêmica inexistente no mundo real, não jogaríamos mais água no moinho de uma discussão fake a legitimar uma falácia de espantinho? Ir adiante na resposta à tolice, por este viés, nos tornaria tão tolos quanto os ir-resignados golpistas.

A contemplação da história, no entanto, me traz, de cara, duas constatações. A primeira delas: apesar do ridículo freak show observado nos vídeos de “patriotas” rezando em muros de quartéis, empoleirados em caminhões, comemorando decretações falsas de estados de defesa ou prisão de ministro do STF, não há nada de tolo nos objetivos desta massa significativa de seres manipulados e, ao mesmo tempo, manipuladores. A segunda e mais importante: os tempos são repletos de exemplos nas quais omissões no combate ao ideário de extrema-direita produziram páginas negativas, dentre as quais as mais cruéis do Século XX.

Sobre o ridículo - e dele não há regresso - basta ver o quão histriônico era Mussolini, cujas cenas patéticas influenciaram a postura gestual de Adolf Hitler. Ambos os líderes da extrema-direita italiana e alemã, em comum, além de suas posturas burlescas e discursos caricatos, construíram juntos o maior pesadelo da história contemporânea e, no início, foram subestimados em suas estratégias de crescimento popular. Como consequência, ignorados foram, portanto, na gênese, os perigos de suas interações com a sociedade, quando normalizados seus movimentos políticos e a *Revolução dos Dementes* da época produziu o nazifascismo.

É bastante comum a citação do erro crasso/clássico cometido pela sociedade alemã, quando sociais-democratas e comunistas, após a eleição parlamentar de novembro de 1932, não chegaram ao acordo para formar um gabinete e abriram a brecha política por onde Adolf Hitler assumiria a chancelaria pela indicação de Hindenburg.

Juntos, comunistas e sociais-democratas obtiveram 37% dos votos, contra 33% do Partido Nazista. Não é objetivo deste escrito atribuir este erro aos comunistas ou aos sociais-democratas, mas a realidade é que não chegaram ao necessário consenso e Hitler aliou-se ao centro e ao quinto colocado das eleições – outro partido de direita — Partido Popular Nacional Alemão, e, apoiado por uma elite empresarial financiadora de atos antidemocráticos, depois implantou uma ditadura. É clichê antigo a citação de Karl Marx em Dezoito Brumário de Louis Bonaparte, mas sempre pertinente, sobre um momento no qual a história se repete como farsa e parece ser uma coincidência significativa hoje termos uma elite empresarial financiando o fechamento de rodovias.

Nada, portanto, de tolices estamos a tratar e, caso não tivéssemos sido tolerantes com Jair Bolsonaro a bradar as maiores barbaridades nos últimos trinta anos, como tecer loas a um torturador, praticar crimes contra a Deputada Maria do Rosário ao dizer que ela não merecia ser estuprada, enaltecer os bríos da cavalaria norte-americana por ter dizimado os povos originários da América do Norte, defender o fuzilamento de Fernando Henrique Cardoso ou a tortura abertamente, provavelmente não o teríamos como presidente por quatro longos anos.

Ainda sobre observação histórica, temos uma vantagem temporal bastante palpável em relação aos EUA. Eles estão na frente na luta contra movimentos extremistas de inspiração neofascista, a alt right

para usar o termo mais adequado e a liderança de Donald Trump, para apontar o nome do boi.

Uma espécie de efeito Orloff se dá, com eles no presente, sendo nós amanhã. Aprender com os erros dos EUA, por exemplo, nos deu experiência suficiente para prever o movimento de Bolsonaro na contestação das urnas eletrônicas e, agora, é necessário que o Partido dos Trabalhadores e as demais forças democratas de esquerda, centro-esquerda, e centro-direita, propugnem pelo debate com uma direita tradicional, democrática, isolando os radicais, algo ainda não dado nos EUA, não obstante a vitória menor do que a imaginada do Partido Republicano nas eleições de meio de mandato.

Um Trump enfraquecido ainda não é uma realidade até agora. Algo a se saber apenas com a visualização dos próximos movimentos, mas um Bolsonaro isolado deve ser um dos principais objetivos a ser alcançado por aqui. Uma meta complexa, levando-se em consideração o imenso eleitorado que quase o relegeu.

Aprender com o passado europeu e visualizar o presente estadunidense para projetar nosso futuro parece ser uma boa forma de vencer o dilema das redes na Revolução dos Dementes. Responder com altivez e autoridade de quem ganhou uma eleição no debate público; buscar a criminalização pelo Parlamento do discurso de ódio qualificado pelo uso de celulares; processar e punir, como está sendo feito pelo STF, os responsáveis, os integrantes e os financiadores de atos golpistas e, ainda, mas não por fim, repensar de uma vez por todas uma forma de afastar definitivamente a influência das Forças Armadas na política brasileira, parecem, também, ser atos concretos de esforço para superar o golpismo e fortalecer a democracia brasileira que saiu surrada, mas venceu este jogo até agora.

COBRA V

Sandra Maria

Mas, nem te conto! Vou te contar a minha mais terrível experiência com cobra. Faz muito tempo. Meu marido e eu éramos jovens (será que este tempo existiu mesmo?), não tínhamos filhos ainda, as idas à fazenda só podiam ser feitas nos fins de semana (ele trabalhava, eu fazia duas faculdades). Era corrido. Chegamos e fomos direto para ver um serviço de formação de pasto em uma terra que o papai tinha nos dado. O tractor tinha passado com o arado no barro, e os discos reviraram a terra que ficou coberta de torrões altos entremeados por sulcos profundos. Veio o sol e eles endureceram e ficou difícil de caminhar por eles. Com as velhas botinas mateiras, elástico já bambo, cheias de terra, resolvi esperar no carro. Voltei, sacudi a terra e me sentei no banco do motorista com as pernas esticadas de comprido no banco do passageiro e as costas apoiadas na porta do motorista. Confortavelmente instalada, peguei um livro (sempre carrego na bolsa, Mamãe carregava balinha. Eu, que nunca carreguei batom ou pente, hoje carrego colírios, no plural). Enfim, acho que o carro era uma Variante, VW. Vidro aberto, estava um calor danado. Os mosquitos começaram a atazanar. Fui abanando o livro até me livrar dos impertinentes. Fechei o vidro. Absorta com a leitura, levei um susto terrível quando algo bateu com força no vidro da janela, atrás da minha cabeça. Dei um pulo e virei por reflexo, e, horror dos horrores, me deparei

cara a cara,
face a face,
vis-à-vis,
tête-à-tête,
face to face,

com a cabeça de uma cobra de boca aberta, em frente ao meu rosto no rumo dos meus olhos, só um vidro nos separando!!! Absoluto pavor. Surreal! Ela balançava de leve, parecia tonta. Enquanto eu congelava de medo, ela aos poucos foi se recuperando da pancada. Então, ela se virou e foi meio cambaleante rente à lateral do carro, contornou a frente, e desceu pasto abaixo se movimentando em pé (na vertical, quero dizer, pois cobra não tem pé). Apoiada na ponta do rabo, ela corria meio que ondeando, com uma velocidade incrível. Na mesma velocidade das batidas do meu coração.

PS. Eu até hoje não sei que cobra é esta. Mas eu vi o que ela fez. Me disseram que pode ser a caninana, umas das serpentes mais rápidas do mundo, que corre atrás de gente, assusta, mas não tem veneno. Não sei. Só sei que, antigamente, marido costumava chamar mulher brava de caninana, cara a cara, sem respeito. Acho que até hoje ainda chamam, mas só por trás. Homem também tem medo de cobra.

A ARTE DE VIVER DA FÉ

Gilmar Duarte Rocha

O ano era 1963 e o dia, quente e abafado, estava marcado no calendário no início da segunda semana de janeiro. Joana, ansiosa, pulava as passarelas de madeira entre um barraco e outro, retrucando com caretas as gracinhas que ouvia dos moleques empoleirados nas traves de madeira podre, escoradas em postes fincados num fundo do lodo do mar. A menina tinha uma missão a cumprir e não podia ficar parada, dando trela às brincadeiras, silvos e chistes que ouvia da meninada descompromissada e desocupada do lugar. Depois de atravessar, aos trancos e barrancos, mais de cem metros do caminho tortuoso daquele lugar pleno de casebres de pau a pique, correndo o risco de escorregar e cair na água escura e maculada daquele braço de mar, ela chegou finalmente à casa de Sinhá Junqueira, benzedeira da região e dona dos segredos e mandingas dos deuses. Era uma casa diferente das demais: construída em terra firme; com alvenaria de tijolos amarelos, com mais de duas portas e cinco janelas, a residência era uma espécie de marco divisório entre a civilização e o submundo:

— De casa? Sinhá Junqueira. É Joana, filha de Anacleto — a menina gritava, enquanto batia forte na porta pesada com os braços finos e mãos compridas e rijas. Pouco tempo depois a porta se abria e aparecia à frente dela um mulato alto, bem-vestido, de terno branco e gravata de seda colorida. O homem de seus quarenta e poucos anos olhou a menina mulata de cima a baixo e, talvez não enxergando nela a formosura das jovens negras do lugar, tratou de desconversar e despachar a inconveniente visita que, certamente, estava ali para mendicância, ainda mais vindo de onde vinha.

— Sebastião? Quem chegou aí — de repente uma voz fina e firme de mulher eclodia de um aposento da casa ancha, que parecia um palácio real egrégio à vista dos moradores dos Alagados.

— É Joana, Sinhá, filha de Anacleto e neta de Mariinha — a menina antecipou-se e berrou a plenos pulmões. — Tenho um recado para vossa mercê.

— Deixa ela entrar, Sebastião — anuiu a dona da casa, completando: devo muito à Mariinha. Você sabe muito bem o quanto eu devo a ela. Ou não sabe?

O mulato bonachão de terno branco diante do “você sabe muito bem” conformou-se e, a contragosto, permitiu o acesso daquele ser que ele julgava inferior e desprezível.

Dentro da casa ampla e decorada com móveis antigos, quadros com temática africana, bibelôs, colares, miçangas, avelórios, contas, espalhados em todas as partes, a jovem Joana ganhou a sala e chegou até uma ala avarandada onde uma velha senhora tricotava uma toalha de renda:

— O que Anacleto mandou você me transmitir, pedrinha do reino — a mística Sinhá Junqueira, com o seu jeito exótico de falar, foi direto ao assunto.

— Primeiramente, benção, minha Sinhá. Na

próxima quinta ela vai levar madrinha Mariinha para a lavagem do Bomfim e pediu uma ajudazinha de vossa mercê.

Sinhá Junqueira interrompeu por um instante o tricô; levou a mão direita ao queixo e ficou pensativa por um tempo. Depois da ligeira meditação, encarou a jovem com os olhos firmes de águia e declinou:

— Mariinha, a sua madrinha não tem jeito não, meu docinho de coco. Aquela doença que arrebenta o sangue da cabeça é ponto sem nó, caminho sem volta. O destino de Mariinha está traçado por Iansã e, com a ajuda dos céus, ele deve estar dentro em já nos braços de Oxalá. Anacleto sabe disso e insiste com essa maluquice que ela quer fazer.

— Sinhá — suplicou Joana, choramingando.

— Tá bom. Eu vou dar uma ajuda mesmo sabendo que o que Anacleto vai fazer é tempo perdido, para não dizer maluquice da cabeça dela. Sebastião? Dê uns contos de réis para a menina aqui.

— Muito agradecida, Sinhá. Deus lhe pague em dobro.

A mulher do rosto redondo e sorriso alargado jogou a mão espalmada ao vento, ficou pensativa por uns instantes, rezou duas rezas em iorubá e voltou a atenção para o tricô.

A quinta-feira chegou com o sol mais radiante e o clima mais abafado ainda. Todos no casebre de Anacleto vestiam branco dos pés à cabeça e um andor escorado por quatro homens de fortaleza atlética comportava um corpo magro, inerte, de uma mulher que beirava os sessenta anos, mas que parecia ter oitenta, tamanha a esqualidez e a profusão de rugas. Vestiram Mariinha, a mulher intrêmula, como se santa fosse, e como santa ela se aparentava, pelo menos no quesito imobilidade. Virtude para a santidade? Talvez apenas Anacleto e outras religiosas fanáticas sabiam lá as razões.

— Juraci, minha cunhada, muito agradecida por ter vindo com as tuas primas — Anacleto, a mãe de Joana, e chefe da comitiva que saía naquela hora em direção ao Bomfim, agradecia às amigas que chegavam com os trajes de baiana e que ela havia convidado para abrir ala do cortejo mambembe que sairia de Alagados, atravessaria Massaranduba e Caminho de Areia e se incorporaria à procissão oficial de baianas que iriam lavar a escadaria da igreja de Nosso Senhor do Bonfim.

Tudo acontecia segundo a cartilha. O sol abrasivo aumentava de intensidade em torno de meio-dia e a comitiva de Alagados seguia em frente e se perdia no amontoado de gente que se aglutinava ao redor da sagrada colina.

— Levem o andor com Mariinha para perto do andor da santa — gritou um homem gigante, um estivador de nome Reginaldo, que conhecia o drama de Mariinha, e que foi um dos incentivadores de Anacleto em levar o corpo da mulher enferma para a benção em frente à igreja do Nosso Senhor

do Bonfim ao lado da imagem de Nossa Senhora da Conceição. Tudo poderia correr na paz do Senhor não fosse a sanha de um dos carregadores do andor de Mariinha, um bêbado contumaz de Massaranduba, de nome João Paraguaçu. O homem depois de sorver o décimo quinto gole da cachaça que trazia numa garrafa amarrada a um alforje peitoral, tropeçou no chão liso do primeiro degrau da escada da igreja, fazendo com que o andor desequilibrasse e, por corolário, o corpo frágil de Mariinha deslizesse escadaria abaixo.

— Ah!

— Uh!

— Oh!

Exclamações gerais com tal fato insólito e absurdo.

— Vejam! Mariinha se levantou — berrou, em sequência, o delirante João Paraguaçu para escárnio coletivo e risadas em profusão.

Mas não era delírio do bêbado: o corpo tetraplégico da enferma estava de pé e ela andava normalmente no meio da turba com os braços estendidos, tal qual um autômato, seguindo em direção à ladeira da sagrada colina.

O tumulto que se seguiu foi generalizado. Uns gritavam palavras de louvor ao santo do dia; alguns berravam “milagre, milagre”; outros se apinhavam para ver a mulher enferma descendo a ladeira, lépida como um capitão de areia; os policiais e organizadores do evento não sabiam o que fazer e não sabiam como resolver aquela confusão toda e dar continuidade à festa religiosa.

Com o sol ainda a pino, o corpo da morta-viva chegou andando ao bairro da Massaranduba, no limite da área dos Alagados e entrou numa casa já mencionada aqui nessa estranha história. O resto da saga, talvez as manchetes do dia seguinte dos principais jornais de Salvador expliquem alguma coisa:

RESSUSCITADA DO BONFIM ESGOELA MÃE DE SANTO DE MASSARANDUBA, dizia A Tribuna da Bahia.

MULHER SEMIMORTA MATA FAMOSA MÃE DE SANTO COM AS PRÓPRIAS MÃOS, estampava o Jornal da Bahia.

MULHER REDIVIVA DA LAVAGEM DO BONFIM ESGANA RIVAL. O jornal A Tarde, com essa manchete, reabilitava uma celeuma que se estendia há anos na região da península de Itapagipe. Dizia-se, a boca pequena, que a senhora de nome Sinhá Junqueira havia enfeitado o amante da famosa prostituta de nome Mirtes, nome de guerra na Ladeira da Montanha da “singela dona de casa” Mariinha do Carmo e Silva e que esta, muito desgostosa com o acontecimento e com a traição do esbelto mulato Sebastião da Anunciação, foi fulminada por um derrame cerebral de grandes proporções, que a deixou tetraplégica por anos a fio.

Coisas de mistério. Coisas de Magia. Coisas de fé. Coisas da Bahia.

O MAR

Diego Mendes Sousa

Minhas mãos carregam
o sal cristalino das ondas
do mar do Piauí

Onde me encontro?
Em que solidão me amparo?
Até donde vai o destino dos pássaros?

A memória talvez
transcenda
as águas
que há muito
conheci

O menino remanesce
no marulho triste
da sua vida
em arrulho

e espantado
resguarda
os corais
renascidos
ante o mar
do Piauí

PELÉ

Napoleão Valadares

Parte agora o grande atleta,
talvez vibrando, talvez
sorrindo, como outras vezes
ele partiu para o abraço
depois do seu gol de placa.
Jogou com bola de meia,
cabeceou vida certa,
fintando todos os vícios
e amortecendo no peito
os conselhos de Dondinho.
Titular de quatro copas,
de três delas campeão,
da Seleção artilheiro,
rei e cidadão do mundo,
teve sete bolas de ouro.
Dos homens o mais famoso,
com mil, duzentos e oitenta
e três gols, ninguém chegou
a seus pés, somente a bola,
a menina dos seus olhos.
Como goleador sem par
e o jogador mais completo
que pisou nesses gramados,
coleccionou mil troféus
e foi o atleta do século.
São Pedro, sabendo disso,
convocou-o para o Céu,
e ele respondeu de pronto:
“Já vou. E começo aqui
e agora a minha arrancada.”
Voz grave, pedindo a bola,
recebeu um lançamento
disparando pelo espaço,
driblou Mercúrio três vezes
e deixou Vênus pra trás.
Bateu a mão para a Terra,
jogou beijo para a Lua,
avançou, passou por Marte,
aplicou fintas em Júpiter,
saindo pela direita.
Num passe para Garrincha,
deslocou-se para o meio,
tabelando com Didi,
fez uma ginga e passou
entre Saturno e Urano.
Desviou-se de Netuno,
deu um chapéu em Plutão,
chutou, balançou a rede
e saltou, sem gravidade,
abraçando o infinito.

29 de dezembro de 2022

QUEM NASCEU DO OVO PRIMEVO DA VERDADE?

Vitorino de Sousa

Quem nasceu para destronar o Deus do Engano,
derrotar quem aposta na Devastação
e resgatar o Sublime Código da Dignidade?

Quem nasceu para revelar o Deus Tirano,
trazer para o mundo o Anjo da Aceitação
e lavar a cara à Deusa da Fealdade?

Quem nasceu para apelar ao Deus Urano,
sugerir a Transformação
e açaimar o Gênio da Ruindade?

Quem nasceu para findar o Desengano,
exilar o Senhor da inquietação
e lancetar as Memórias da Maldade?

Quem nasceu verdadeiro, puro e sano,
para derrocar os Muros da Separação
e convocar o Olimpo da Irmandade?

Não foi a Mãe do Mal nem o Pai do Dano.
Quem nasceu para fechar a Mina da Escravidão
foi a Grande Deusa da Liberdade!

OS OLHOS DA VIRGEM

Anderson Braga Horta

Na capela do colégio há uma linda estátua da Virgem. Toda pura sob o manto azul, nos cabelos um diadema de ouro e nos lábios um sorriso tranquilo. À esquerda de quem se dirija para o altar ela se ergue, esplendente de modéstia. Na penumbra, onde tudo o mais, exceto a lâmpada de azeite, é grave e incolor, parece que ela flutua. Rente ao pequeno genuflexório em que meninas de véu se prostram para a comunhão, seus pés à altura dos lábios de quem se ajoelhe. Desnudos e brancos, simbolizando a força da pureza e do amor, convidam ao ósculo. Especialmente à tarde, quando tudo é sombra e misticismo, a imagem da santa é uma presença, uma luz, uma coisa viva na sala.

Teresa desperta inquieta. Mergulha os olhos na escuridão do dormitório, procurando uma luz, um reflexo. Cerra e descerra inutilmente as pálpebras: sempre espessa a treva, sempre o sonho perseguindo-a.

Via-se na cidade natal, com os pais e irmãos, à porta de casa. Muita gente na rua. Silêncio de chumbo – arauto de acontecimentos temíveis. Quando e como? surgiu no céu um triângulo

brilhante, de cujo centro um olho emitia luz, que tocava na terra e a percorria. “O Senhor elege os seus servos.” E Teresa via-a caminhando para ela, e corria entre a multidão, e se escondia. O olho a procurava e encontrava sempre, envolvendo-a no seu jato de luz. Amante da vida mas temente de Deus, Teresa ao fim abandonou-se: “Faça-se conforme a vossa vontade.”

Teresa não dorme o resto da noite.

No colégio de freiras, interna, os dias rastejam iguais para Teresa. Só no coração se renovam: a esperança, a revolta... O botão que se abre em pétalas quer a abelha, cujo beijo traz o pólen da vida. A flor que viceja no claustro é pálida e estéril.

Como todos os dias, ao entardecer, confia-se à Virgem, na intimidade silente da capela, a cabeça inclinada sobre os pés desnudos e brancos: “Eu amo, Senhora. E sei que sou amada. Será pecado amar? Poucas vezes o vi, e longe, e nunca nos falamos. Mas a linguagem dos olhos vem da alma. Devo renunciar ao amor e à vida por uma promessa de minha mãe? Se eu o amo e sei que ele me espera! Mas, se assim o

julgais, dai-me ao menos um sinal, para que eu não sucumba nesta dúvida!” Pela primeira vez, ergue os olhos humildes e súplices para a frente da imagem. E – oh dor! oh milagre! – os olhos da Virgem cintilam, cantam hinos feéricos de amor e pureza, envolvem-na com sua luz suave e casta, triângulos de metal vibram pelo ar, o sonho! o sonho! os olhos da Virgem!

Ajoelhada aos pés da imagem, Irmã Teresa tem os olhos nos dela. Eles eram o norte, o polo magnético para onde a agulha de sua vida – imantada na fé – se voltara. E agora percebe, angustiada, que a agulha vacila e se desnorteia, nas proximidades de uma dúvida impresentida. Manhã-cedo ali se postou, trêmula da emoção do reencontro; e já a noite desce, e os objetos em torno são fantasmas que se movem. Outra estátua, queda, nada mais vê, nada mais sente. Toda a vida, para ela, se resume em dois olhos – os olhos da Virgem – a que sobem os seus. Os fantasmas continuam movendo-se, ela os percebe; mas não volve a cabeça, não grita, não chora. Imóvel. “São de vidro, meu Deus!”, às vezes murmura. Seus olhos nos dela.

DUAS ESTROFES

Augusto dos Anjos

(À memória de João de Deus)

A queda do teu lírico arrabil
De um sentimento português ignoto
Lembra Lisboa, bela como um brinco,
Que um dia no ano trágico de mil
E setecentos e cinquenta e cinco
Foi abalada por um terremoto!

A água quieta do Tejo te abençoa.
Tu representas toda essa Lisboa
De glórias quase sobrenaturais,
Apenas com uma diferença triste,
Com a diferença que Lisboa existe
E tu, amigo, não existes mais!

A IMUTÁVEL POESIA

Luciano Dídimo

Constantemente o mundo se transforma,
As erosões alteram a paisagem,
Os metaplasmos mudam a linguagem,
Costumes modificam toda a norma.

A vida vai moldando a sua forma,
Estamos em eterna aprendizagem,
As novas teorias interagem
Na busca salutar de uma reforma.

Embora distorções também ocorram,
E velhas tradições, às vezes, morram,
Jamais evitaremos mutações.

Porém a poesia permanece,
Brilhando no poema e em cada prece,
Despida de quaisquer transformações!

PALAVRAS COM ALMA SOBRE UMA GUERRA DESALMADA

Vera Lúcia de Oliveira

Quando Mariana e Quitéria abandonaram o Rio de Janeiro e rumaram ao Paraguai não sabiam o que as aguardava. As duas jovens, a senhorinha e a escravizada, iriam se igualar no sofrimento e todo tipo de infortúnio naqueles cinco anos de guerra e privações. Por que partiram? A resposta se encontra na leitura do ótimo romance de Ana Maria Lopes, *A Guerra Invisível – um romance histórico* (Brasília: Maria Cobogó Coletivo Editorial, 2021).

A guerra invisível é, na verdade, a guerra das mulheres. Elas eram muitas. Brancas, indígenas guaranis, pretas como Quitéria, ricas como Mariana mais as paraguaias da alta sociedade. Todas marchando no rastro dos exércitos, numa procissão indigente. Guerream duplamente: com e contra os homens. Muitas foram por eles abusadas e outras, mortas.

Ao fazer um ataque fulminante ao forte Coimbra, no Mato Grosso, na época uma região esquecida do Império Brasileiro e de Deus, o Paraguai encontrou nos cerca de cem habitantes setenta mulheres valorosas que se recusaram a render-se:

Eram setenta mulheres simples e esposas de militares que, na urgência imperativa, usaram pedaços de buchas e trapos de suas próprias roupas para fazer quatro mil balas de fuzil. À noite, com o forte cercado, Aninha Cangalha, Maria Fuzil e Ludovina Portocarrero se aproveitaram da escuridão. Rastejando feito cobras, desceram até o rio para pegar água para os remanescentes do forte Coimbra.

Os paraguaios intimaram a rendição, mas seu comandante recusou (p. 33).

Esse foi apenas o tímido começo da maldita Guerra do Paraguai.

Mariana, jovem, bela, rica e bem nascida fez parte desse exército de Brancaleone. Enfrentou o mar, as longas distâncias e foi atrás do seu amor, o jovem Tomaz de olhos azuis. Foi lutar por seu futuro. Já Quitéria foi lutar contra o passado de mulher abusada e violentada todas as quartas-feiras. Malditas quartas-feiras. Passaram fome, frio, calor, dormiram ao relento, conheceram o medo e viram a extensão da maldade humana. Mas, em meio a tudo isso, tiveram seus rebentos, Maria Rosa e Ramires, filhos do abandono e da dor. Percebemos, no entanto, que um motivo mais profundo, invisível, impelia as duas jovens a correr todos os riscos em meio a essa guerra. Mariana buscava talvez o amor ideal, a sua “baleia branca”, a sua Moby Dick, num processo de autoconhecimento, de individuação, como diria Jung. Já Quitéria, movida talvez por uma força filogenética, descobriu-se grande guerreira e combateu como seus ancestrais africanos. Virou uma leoa. Duas amigas, duas mulheres justapostas, porém dois universos paralelos, iguados tão somente pela condição feminina. Ana Maria Lopes não faz discurso romântico nem panfletário.

Essa maldita guerra, que teve início em 1865 e durou até 1870, quase exterminou a população masculina do pequeno país deixando-o terra arrasada, repleto de órfãos. A leitura do romance mostra a situação política e social, bem como os costumes do Brasil na segunda metade do século 19, com a rigorosa pesquisa da autora, que revisitou de modo crítico a História e construiu uma narrativa épica com olhar feminino e nos deu uma visão a mais dos bastidores da guerra em que as mulheres tiveram participação fundamental.

"Longe das frentes de batalha o acampamento era desorganizado e tumultuado. Muitas mulheres seguiam as tropas e as serviam como lavadeiras, companheiras, cozinheiras, costureiras e prostitutas. As que marchavam junto aos soldados, vendendo bebidas, víveres e solidariedade, eram chamadas de vivandeiras. (...)"

(...) Todas conviviam com aquele burburinho infernal. Faziam comércio de víveres, de bugigangas, do corpo. A fome era um deus mau. Onipresente. Por vezes, vendia-se o corpo por duas bolachas ou por um copo de aguardente.

Brigas, ciúmes, traições e medo agitavam ainda mais aquele local. Muitas mulheres viravam enfermeiras. Não por ofício ou por obrigação, mas por pena. O inverno era um inimigo a mais. Batalhões brasileiros vindos do Nordeste e do Centro-Oeste sofriam com temperaturas negativas. Gelavam os ossos, perdiam os dedos dos pés (p. 64).

Ou seja, Ana Maria não diz o que já foi dito: lança luz no que estava oculto, invisível. Excetuando o presidente do Paraguai, Solano López, e poucos generais, os nomes dos comandantes do exército brasileiro não são citados (nem o de Caxias), uma vez que o foco era a guerra das mulheres pela sobrevivência. As mulheres e as crianças que foram um capítulo à parte. Desde os bebês sem alimentos até os meninos paraguaios de nove, dez anos que usavam barba e bigode de crina de cavalo para parecerem mais velhos.

A narrativa mostra em detalhes o horror dos campos de batalha assemelhando-se, em algumas passagens, às descrições de Flaubert no terrível *Salambô* ou ainda à carnificina de *Guerra e Paz*, de Tolstói. Vejamos a passagem em que se deu o cerco à pequena cidade de Avaí:

"Avaí era uma pequena cidade interiorana, onde o rio Avaí corria entre duas colinas. No centro, havia um grande vale. Foi o local onde os brasileiros cercaram os paraguaios sem dificuldade.

Cinco vezes maior, o exército brasileiro se aprontava debaixo de chuva grossa. No meio da manhã, o corneteiro deu o sinal de ataque. A tempestade lutava junto dos brasileiros e paraguaios. A luta era feroz, e na lama. Eram baionetas, lanças, sabres, facões e punhais provocando uma carnificina nunca vista. A ferocidade dos paraguaios só tinha equivalência no desespero que se apossou deles ao se verem reduzidos e acuados.

A cavalaria ainda comprimiu os combatentes guaranis sob as patas dos cavalos. Os gritos de clemência ecoavam pelo vale, as mulheres lutavam gritando e rolavam com soldados brasileiros. Era um exército onde crianças e mulheres eram maioria e se via transformado em uma massa sanguinolenta que se amalgamava com a lama, o sangue e a chuva.

Após uma hora de combate, os mais de três mil mortos formavam uma pilha disforme. Dezenas vagavam desnorteados pelo campo. O soldado Kuarahy suicidou-se. Fernández e Juan também. Mais de dois mil paraguaios foram presos. Onze bandeiras paraguaias foram sequestradas. Armas da artilharia foram capturadas ou destroçadas. O exército brasileiro ganhava a guerra e desonrava o Brasil." (p. 140).

Além da força épica de sua narrativa, Ana Maria Lopes imprimiu, como poetisa que é, lirismo, doçura, leveza e feminilidade em sua prosa, assim como a fluência do texto jornalístico, pois é também jornalista e contista. O resultado é uma linguagem elegante, limpa e clara. E, seguindo a tradição literária, utiliza recursos como o uso de registros de outras línguas como o guarani, o espanhol e o italiano, como fez Dostoiévski, por exemplo, com passagens em francês nos seus romances, e, modernamente, Umberto Eco em *O nome da rosa*, utilizando o latim. Sem esquecer as epígrafes primorosas de cada capítulo.

Assim, no romance *A guerra Invisível*, o leitor tem o prazer da leitura criativa — e combativa —, em que passado e presente dialogam na luta das mulheres, uma branca e outra preta, luta hoje visível com Marianas e Quitérias, lado a lado como as teclas do piano da canção de Paul McCartney; mas, mais que isso, afinadas e unidas no mesmo ideal de libertação feminina.

O GÊNIO LOUCO DE DARCY

Edmílson Caminha

Mais do que antropólogo, historiador, sociólogo, escritor, Darcy Ribeiro foi pensador, que se sobrepunha à maioria dos colegas por pensar com a própria cabeça, de modo inteligente, criativo, corajoso, à luz da paixão e do entusiasmo que lhe ardiavam como febre. Havia, nele, algo de vulcânico, de gênio em contínua ebulição, que só vejo em Castro Alves e Glauber Rocha, mais ninguém no Brasil. Sobre o conterrâneo mineiro de Montes Claros, Cyro dos Anjos me comentou, quando nos conhecemos em Fortaleza:

— Se Darcy, que não sabia nada de astronomia, começasse a estudar o assunto, dentro de pouco tempo estaria revolucionando a ciência, com uma nova hipótese para a origem do universo...

Poucos viveram tão intensamente quanto ele, entre a genialidade e uma espécie de cândida loucura (“doido manso que perdeu o rumo do hospício”, como se declarava Teotônio Vilela), senhor da capacidade prodigiosa de transformar o sonho em realidade, o pensamento em ação, a ideia em obra. Conviveu com os índios e fundou universidades, escreveu livros e chefiou ministérios, deu à pobre política brasileira a honra de ter no parlamento um intelectual com a sua grandeza. Em 1964, exilou-se para não morrer, e para morrer voltou em 1976, com o câncer que lhe devorava um pulmão: tirou-o (para que dois, se o outro lhe bastava?) e sobreviveu 20 anos, conforme garantira ao cirurgião que lhe dera poucos meses de vida. Mais do que narcisista (“tenho sede insaciável de elogios”, gostava de dizer), era um darcysista — na opinião dos amigos, com graça, e dos maledicentes, com despeito. Queria ser nada menos do que imperador do Brasil, e deve ter delirado com o que sobre ele disse Carlos Drummond de Andrade: “Darcy é um monstro de entusiasmo que nenhum golpe feroz arrefece, é um ser de esperança e combate. Sete Quedas acabou, mas Darcy é o cara mais Sete Quedas que eu conheço, e este aí, engenharia econômica nenhuma ou poder autocrático nenhum pode com ele. Darcy, caudal de vida.”

Ao receber, em 1978, o título de Doutor Honoris Causa da Sorbonne, fez um dos mais belos e comoventes discursos já proferidos naquela universidade, quando afirmou, com sabedoria e grandeza humana: “Fracassei em tudo que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.”

Darcy Ribeiro lutou, sonhou, perdeu, chorou, mas conheceu a felicidade suprema de amar — a vida, os amigos, e, sobretudo, as mulheres, como o sedutor irresistível cercado, sempre, por belas, inteligentes, charmosas, elegantes presenças femininas. Para a empresária e escritora Vera Brant, amiga fraterna, declarou que morria com a frustração de não tê-la levado pra cama: “Porque todo mundo acha que você deu pra mim, Verinha, e o pior é isso, não merecer a fama...”

Estive três vezes com Darcy, a primeira em 1978, na Livraria Ciência e Cultura, de Fortaleza, quando lhe pedi o autógrafa no romance *Maíra*. Ao saber-me estudante de medicina (péssimo, já resolvido a abandoná-la), lembrou-se de um índio que admirava: “Para Edmílson, futuro colega de Teyu, meu médico preferido, com um abraço. Darcy, Fortaleza, maio 78”.

Anos depois, vejo-o chegar, com belíssima jovem, a um restaurante lotado, em Copacabana, no momento em que pedíamos a conta. Chamo-o para que ocupe a mesa e me apresento como amigo do seu conterrâneo Cyro dos Anjos, ao que ele começa a contar, para mim e para quem mais quisesse ouvir:

— Você sabe que essa família dos Anjos não existia, foi criada pelo avô dele, que era apaixonado pela poesia do Augusto dos Anjos, sobrenome que deu aos filhos. Foi assim que surgiram os Anjos, em Montes Claros...

E continuou, animado pela atenção da plateia:

Seu Antônio, o pai do Cyro, tinha um irmão que não era lá de fazer muita força... Dono de uma venda, passava horas em uma rede, que balançava ao bater com o pé no balcão. Quando alguém perguntava se tinha determinado produto, dali mesmo respondia: “Tem não, freguesa...” Sobre o balcão havia uma pirâmide de rapaduras, que ele gostava de comer. Para não se levantar e pegar uma, impulsionava a rede, tirava a dentadura, esfregava na pilha de rapaduras e punha de novo na boca, só pra ficar sentindo o gosto...

Reencontrei Darcy, já muito doente, no auditório da Academia Brasileira de Letras, em que ocupava a cadeira número 11. Findo o encontro de que participávamos, estende-me a mão e pede ajuda para levantar-se:

— Esse negócio de câncer é uma merda! Parece que a gente está com uma bola de chumbo na bunda...

Assim, irreverente e lúcido, sentia o que estava por acontecer: “Eu não tenho medo da morte. A morte é apagar-se, como apagar a luz. Presente, passado e futuro? Tolice. Não existem. A vida vai se construindo e destruindo. O que vai ficando para trás com o passado é a morte. O que está vivo vai adiante.”

Depois de 21 dias na UTI, foge do hospital para a sua casa de praia em Maricá, na companhia de Irene, a namorada 37 anos mais nova. Quando lhe chegar a hora, deseja que os amigos o velem durante toda a noite, ao som do “Concerto para Violoncelo”, de Bach. O Dr. Aloysio Campos da Paz, do Hospital Sarah Kubitschek, lembrou-lhe: “Para você ter uma noite de velório, não pode morrer pela manhã, porque vão querer enterrá-lo à tarde.” Discutem a questão, e Darcy escolhe: morrerá às sete da noite. Entra em coma às nove da manhã do dia 17 de fevereiro de 1997, e o coração para de bater, exatamente, às sete da noite. É velado madrugada adentro no Salão dos Poetas Românticos da Academia, em que um quarteto de violoncelo, viola, flauta e violino tocava a peça de Bach, tudo conforme a sua vontade. Enterrou-se, aos 75 anos, com o fardão acadêmico, mas sem sapatos (pois gostava, como os índios, de andar descalço).

Darcy Ribeiro foi quixotesicamente louco, o bastante para amar o Brasil, para confiar em que, apesar de tudo, acabaremos por assumir o papel de sujeitos da nossa história, construtores do nosso destino. É a mensagem de esperança com que encerra um admirável livro que se chama, não por coincidência, *O povo brasileiro*: “Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. (...) Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas, e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra.”